

Talvez não seja um acaso, para quem foi seduzido pela feiticeira/metapsicologia (Mezan 1989), dar sequência às iras e enigmas da *esfinge* (Brasiliense, 1988) com a *sombra da sedução*, para desenhar em seguida as *figuras da teoria* (Escuta, no prelo): eis três coletâneas que não deixam de ser, na ordem e nos títulos, boas metáforas dos tempo e do trabalho do psiquismo.

À parte as associações, a tarefa de resenhar o sexto livro de Mezan não é simples, ainda que seu nome dispense introduções e apresentações. Como ter uma visão de conjunto para temas tão diferentes reunidos na sua segunda coletânea? Citando Mezan, podemos, quem sabe, constituir o fio que não apenas une os vários textos do livro como também especifica seu estilo e pensamento: "A análise é uma arte de abrir o imediato aparentemente liso e compacto às vozes que o habitam, que falam nele com eloquência muda, e que pedem apenas um pouco de atenção para se fazer ouvir. Para desobstruir ouvidos, é preciso recorrer à história da cultura e das sociedades.." (p.9). Mais de que simples "Recomendações para.." ou apenas parte do "Bildungsroman do analista" (um dos oito artigos da coletânea) a passagem que grifamos nos parece, principalmente no que nela se condensa, revelar uma certa *Weltanschauung* que o autor partilha com LeGuen e outros: para que o sujeito ou seus coros de vozes se façam ouvir cumpre recorrer à cultura (e suas voltas na história), esta ferramenta desobstruidora de ouvidos. Este fazer-se ouvir é o perfazer da história, o refazer do sujeito, história singular de inserção na cultura. A situação analítica é o palco de encontro destas histórias, a singular e a da cultura fazendo-se ouvir no "terceiro ouvido" do analista. Fica então explícita a concepção de que tanto a psiquê humana como a cultura são por natureza históricas, suas manifestações incidindo umas sobre as outras a cada volta da história. Daí o recurso às obras da cultura, uma vez que as próprias teorias e o método analítico dela fazem parte. Não se trata apenas de exercitar noções e conceitos psicanalíticos; procura-se refiná-los, situá-los no âmbito da sua

O campo da sedução e suas sombras

Resenha de Renato Mezan,
A sombra de Don Juan e outros ensaios,
São Paulo, Brasiliense, 1993, 258p.

emergência, contribuindo assim para sua ampliação e reflexão. Mezan trata nos capítulos deste último livro de quatro temas caros a ele, já de longa data, e sempre com a sua habitual fluência na escrita. Há clareza de estilo, além da sua conhecida erudição e visão de conjunto na exposição de idéias e histórias.

A lenda de Don Juan mais uma vez mostra seu poder implacável: Mezan dedica-lhe o ensaio que dá nome ao livro. O estudo de Kierkegaard "O erotismo musical" (1843) sobre o *Don Giovanni* de Mozart serve aí de fio condutor para a análise da sedução e suas sombras, tal como as interpreta a ópera mozartiana, já que a música "é a única que se desdobra na sucessão, tornando-se apta a expressar o movimento e a imediatez próprias à genialidade sensual". Partindo das acepções do termo "sedução", com suas dimensões éticas e estéticas, Mezan submete a obra, nesta primeira parte, a uma análise fenomenológica. Delineia a trajetória de Don Juan do registro ético (dominação pela mentira) até o registro estético (convidar) como iniciador que desperta a sexualidade e ama as mulheres com sutileza e intensidade. Somos *convidados* (seduzidos) a ler Kierkegaard, que acentuou o aspecto estético (não é esta a genialidade sensual da música?); este tomará lugar central na segunda parte do ensaio, onde se desenvolve a questão da sedução na teoria psicanalítica. O centro agora é a teoria de Laplanche. Mezan vincula a fenomenologia do estético e do ético às faces estruturante e traumatizante da sedução em Laplanche. O ético não me parece bem ajustado aqui, mas

sim nas feições que logo adquire pelos conceitos mais clássicos de narcisismo e pulsão de morte. A última parte, quando desenvolve a questão da situação analítica, é a mais próxima da nossa "ética". Aqui a concisão da descrição condensa com força a importância e a necessidade da sedução, o modo de fazê-la funcionar no delicado jogo da interpretação, e seus riscos, já que "o analista não é senhor da sedução, nem da sua, nem daquela que sobre ele é exercida".

Passamos das sombras atuais da sedução aos reflexos/precipitados emocionais indissolúveis da sociedade alemã, presentes nos descendentes de uma geração que participou ativamente dos dias sombrios do nazismo. O ensaio "Esquecer? Não: In-Quecer" parte deste dado atroz da humanidade. Respondendo ao desafio de Habermas, que solicita o auxílio do analista para "o domínio de um passado retomando na forma de pesadelo sobre o presente não-redimido" Mezan, de forma apaixonada e com todo seu talento de escrita e pensamento, vai indicando no que implica este caminho de cura e redenção. Servindo-se do artigo de Monique Scheider "Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud", ele nos mostra que não se trata de um simples processo de recordar, mas do esposar de um processo, de *Annahme ou Aufnahme* (Freud - "Estudos sobre a Histeria"), termo que designa o trazer à luz do dia a emoção; aceitar, admitir, adotar a emoção da lembrança. Mezan cunha aqui um neologismo -

Inquecer, que evoca a imagem de um sujeito que "cai para dentro, da sua lembrança, molha-se nela, abre-se para ela", para descrever o processo de cura em questão. Há uma particularidade nesta clínica do social: não se trata de lembranças do sujeito ou de "corpos estranhos" do tipo mencionado por Freud, mas de um pesadelo, de fantasmas ou de histórias-pesadelos carregadas de culpa, cenas e eventos dos quais os próprios sujeitos não fizeram parte, mas passaram a ser sujeitos em função dos pais. Talvez possamos apreender esses elementos como exemplos deste tipo de mensagens compactas das quais nos fala Laplanche, pois, por não terem sequer começado a serem metabolizadas pelos pais, intrometem-se na criança e nas próximas gerações como verdadeiros corpos estranhos, passando a constituir partes dos severos objetos do superego. Mezan ilumina a contribuição inestimável do artigo de Monique Schneider ao mostrar (como O "Discurso Vivo" de A. Green) as raízes emocionais da representação e da linguagem em Freud; repara assim uma certa negligência da emoção tanto na prática como na teoria francesa, e a aproxima de uma certa M. Klein, que também privilegiou este movimento, apontando que as lembranças são nas/das emoções ("Memories in feelings").

Da clínica do mal social cujas raízes acham-se numa história assombrosa, passamos a um terceiro texto sobre a (clínica da) identidade judaica. É um aspecto de um tema caro a Mezan desde seus escritos "pré-analíticos", e sobre o qual ele se expressou em muitas outras ocasiões. O livro *Édipo africano* de E. e M.C. Ortigues o auxilia na apresentação da questão do seu artigo: uma vez que numa certa cultura se estabelece uma relativa frequência ou a absoluta ausência de uma certa organização psicopatológica, como se verificou nas populações estudadas no livro, a que fatores atribuir esta distribuição? Estes fatores devem ser de natureza *psíquica* e devem possuir uma articulação com o *sistema social* do grupo considerado, já que se trata de características particulares a este grupo. São conteúdos específicos de cada cultura transmitidos às gerações seguintes e que organizam a experiência do indivíduo nesta cultura. Este processo opera no nível

das identificações matizadas pelo Complexo de Édipo. Há modalidades e apoios peculiares deste processo para os membros de cada cultura. O fato de que o indivíduo nasce em uma dada cultura e que esta o precede permite, a quem quiser estudar esses traços psíquicos, articulá-los com o contexto em que surgiram. Há uma característica específica à cultura judaica esboçada por este excelente artigo, que aponta para uma clínica da identidade.

Há aqui um verdadeiro paradigma para estudos mais específicos. Durante quase 3000 anos e até o começo do século 19, a identidade do povo judaico era definida e constituída unicamente por sua religião (O que aconteceu depois? eis a clínica da identidade, o conflito identificador). O fato da religião judaica ter moldado o povo e seu destino na história é um fenômeno extraordinário relativo às suas características específicas. Nesta história houve dois pontos de mutação, que não deixaram de ser verdadeiros traumas na subjetividade coletiva: um estruturante, embora designado pela palavra *Hurban* (destruição, calamidade) e o outro, este sim, verdadeiramente calamitoso para a identidade dos seus membros. No primeiro trata-se da destruição do segundo templo em 70 d.C, que marca o fim do regime teocrático e o início da errância. A reorganização da religião pelos fariseus (observância rigorosa das prescrições práticas que regulam todos os aspectos da vida, e uma atividade coletiva centrada no estudo dos escritos sagrados) constituirá um trabalho de luto que visa reerguer o templo perdido do povo e seu reino antigo. Esta promessa simbólica reergueu continuamente o templo da tradição e determinou a persistência efetiva desta identidade histórica por mais de dezenove séculos. Mezan analisa as consequências desses fatos sobre a economia psíquica e as modalidades identificatórias dos judeus. Há grande investimento libidinal nos estudos e na coesão do grupo, a agressividade é canalizada para a observância das leis, bem como para as imagens e fantasmas dos "inimigos de Israel". Durante esta longa história na diáspora, em circunstâncias políticas, sociais e econômicas desfavoráveis, o conhecido senso de humor judaico surgiu apoiado nesta sólida ancoragem narcísica do molde identificador.

A possibilidade de emanci-

pação dos judeus e as transformações no cotidiano do homem moderno criaram uma verdadeira crise desta identidade. Os direitos concedidos aos judeus lhes deram a oportunidade de assimilação nas sociedades européias: passaram a ser, por exemplo, alemães, e ao mesmo tempo judeus, o que acarretou uma profunda mudança no seu modo de viver. A religião judaica concerne a todas as dimensões do ser e do viver, e não é apenas um conjunto de crenças e rituais. Consequentemente o judeu emancipado tornou-se dividido, passando a viver "entre dois mundos", causa de ambigüidade e dilaceramento: perde por um lado o suporte e a alma viva da sua identidade, mas também não pode pertencer, devido ao preconceito anti-semita, ao mesmo universo mental da nação a que foi integrado. Mezan mostra as mudanças e o dilaceramento desta identidade através de obras de escritores e poetas deste período, assim como as transformações psíquicas expressas no colorido amargo e irônico do humor judaico. Mas a importância maior deste final do artigo é mostrar que a crise identificatória, embora atenuada, continua persistindo para o judeu contemporâneo, uma vez que o suporte de uma identidade judaica sequer chegou a ser esboçado.

O judaísmo é um dos componentes centrais de um outro artigo ("Explosivos na sala de visitas"), através de uma questão que vem perpassando vários trabalhos do autor: "por que Freud foi Freud?". Esta questão se liga aos nossos mitos de origem, à nossa formação (assunto de um pequeno artigo que comentaremos em seguida). Assim é que Viena, a cultura geral (e ciência) e o judaísmo de Freud são tomados em consideração: "O que temos nas mãos, conclui Mezan, é uma rede, formada por fios cada qual com sua espessura própria e conduzindo a diferentes nós. Nenhuma resposta que privilegie apenas uma destas cadeias de determinações pode fazer justiça à configuração que se pretende elucidar: ... Não é por ter vivido em Viena, nem por ter sido judeu, nem por ter sido um continuador da tradição racional., que Freud realizou aquilo pelo que nos interessamos por sua pessoa e por seu pensamento. E, contudo, cada um destes fatores tem algum peso na compo-

sição da resposta: o erro é tomá-los como únicos, ou como determinantes em última instância".

O pequeno ensaio sobre o romance de formação ("*Bildungsroman*") parte da *Bildung* hegeliana para tratar desta trajetória, na qual "se educando, enfrentando-se com a decepção, com a dor e com a perda das ilusões, o analista toma conhecimento de suas possibilidades, de seus limites e de suas responsabilidades". Entre as condições necessárias a esta aquisição, espera-se do psicanalista "que seja cultivado pelo menos naquilo que sua própria disciplina descobriu".

O estudo teórico-clínico nos leva ao último tema do livro, que se reporta a questões de natureza epistemológica: "Existem paradigmas em Psicanálise?" e "O que significa pesquisa em psicanálise?". A pesquisa em psicanálise desdobra-se em duas vertentes: "aquela que investiga a história das idéias e a outra que investiga os processos psíquicos propriamente ditos". Esta inocente constatação reflete a especificidade desta disciplina, também quanto ao estudo clínico-teórico parte do "tripé" da formação, afastando assim qualquer semelhança com a ciência natural, onde o modo de presença da história no trabalho que o cientista faz não é tão direto como na psicanálise! No primeiro ensaio, o leitor encontrará uma análise de texto inteligente e exemplar, além de um excelente exemplo de pesquisa em psicanálise. Nele Mezan examina a proposta de Bernardi de utilizar o conceito kuhniano de *Paradigma* para teorias (e práticas) de Freud, Klein e Lacan, que parecem a este autor incomensuráveis entre si (já que os sucessores, debruçando-se sobre a análise do sonho do Homem dos lobos, "fazem Freud dizer o que na verdade está sendo dito por Lacan ou Klein"). Voltando aos textos originais de Freud, Klein e Leclair, e ao texto de Kuhn, Mezan mostra que tanto a derivação por Bernardi da suposta incomensurabilidade entre os três é inadequada, como o próprio conceito *paradigma* de Kuhn é impróprio para os diferentes sistemas de pensamento. A inquietação quanto à existência de vários modos e maneiras de pensar e praticar a psicanálise requer outras soluções. O

fracasso da tentativa de Bernardi se deve ao lugar especial da teoria de Freud: ela "*é constitutiva de toda e qualquer teoria psicanalítica imaginável*". Eis o paradigma (não de Kuhn) na/dá história e não só na pesquisa. Quanto à pesquisa, Mezan refina uma concepção anterior sua, segundo a qual vale compreender as distintas elaborações teóricas segundo suas origens em diferentes "matrizes clínicas" (1988); mas aqui o objetivo é demonstrar, por meio de outros exemplos, "que estas elaborações apresentam características que as *aparentam* às formulações científicas: coesão, comunicabilidade, verificabilidade e cumulatividade", além de outras, mais próximas do fazer artístico. Ainda que discordemos de tais conclusões, sua proposta quanto à condução da pesquisa num molde essencialmente histórico nos parece fecunda, como seus trabalhos e exemplos dão mostra. E mais, só o futuro mostrará se Mezan contribuiu para exilar Kuhn para o esquecimento: a paixão pelas *revoluções* leva muitas vezes seus partidários a *invólucro* do pensamento. Kuhn é um autor confuso que mistura ciência, sociologia e psicologia dos cientistas com a estrutura, a lógica e o caráter da teoria, que no caso das ciências merecem uma elucidação à parte.

Livres de Kuhn, talvez seja possível agora, se quisermos ter uma conversa benéfica com a ciência, voltar a algumas questões marginais mas cardinais no texto de Mezan, como "o que significa conhecer?" Estou me referindo a alguns riscos sérios que intuímos na psicanálise, e que dizem respeito à *prática da teoria* na clínica (e na teoria) e determinados por algo que está na *estrutura da teoria*, e que pedem um trato urgente. Um de seus sintomas foi brilhantemente explicitado por Laplanche e Leclair: esta sombra da hermenêutica, cujos braços na teoria não param de nos convidar (seduzir).

Quatro temas compoem um livro, mais um para desobstruir ouvidos, um tratamento prazeroso recomendado para quem se dedica à arte de abrir o imediato aparentemente liso e...

Daniel Delouya - psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. O resenhista agradece a Miriam Chnaiderman pela revisão e sugestões.